

À MARGEM DA EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA ARTÍSTICA

Por NICOLAU KISIEL-KISLANSKI
(Tradução do italiano de Leonel C. Ferreira)

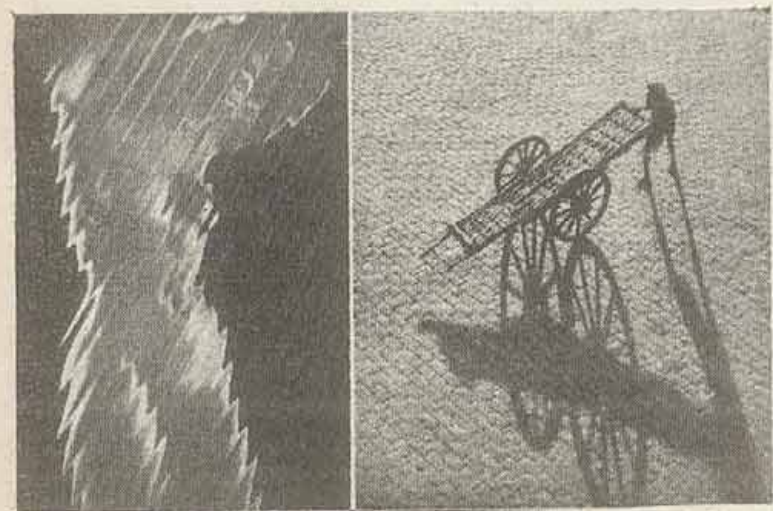
Observando, faz pouco tempo, a primeira exposição internacional da fotografia artística, organizada com tanto empenho, pela Associação Brasileira de Arte Fotográfica, no Palácio do Teatro Municipal, vieram-me os pensamentos que desejo dividir com o leitor.

O público em geral não sabe entender a verdadeira arte, especialmente a pintura e a escultura e nem sabe fazer distinção dos momentos históricos na arte do nosso século. O público assim como nas épocas passadas sempre supõe a verdadeira imagem da vida, do objeto, de tudo que o cerca. Porém o público não percebe a diferença que há entre arte e artesanato.

Os grandes artistas: pintores e escultores das épocas passadas criaram as obras da vida, da vida que muitas vezes era asperíssima, ou talvez mesmo cruel. Criaram a arte, criaram tudo o que hoje podemos expor nas grandes galerias e museus do todo mundo. O público hoje exige do artista que se atenha a estrénuas técnicas dos grandes artistas ao pintar e esculpir com a estrénuas técnicas anteriormente estabelecidas. O público raciocina assim, que o artista de hoje não deve criar, mas unicamente ingressar no artesanato e copiar. E ainda o público não sabe, que hoje todo estudante do IIº ano de qualquer Escola de Belas Artes sabe fazer o desenho corretíssimo que lhe serve de estudo e que não tem nada de arte, porque os artistas são aqueles que criaram e não aqueles que copiam os mestres; a mesma coisa notamos no campo da escultura: a diferença por exemplo entre um escultor de mausoléu, que é um artífice e um escultor artista, hoje é raramente compreendida pelo grande público.

Onde estará, pois, a evolução da arte, a arte que é uma coisa viva, que evolui, que se transmuta em todo tempo sobre o rastro dos séculos da história do mundo — se se atende somente ao desejo de opinar sobre as coisas como elas são na natureza. Ou por ventura a ignorância da história se constitui o raciocínio da multidão que se torna — mercenário da arte, tendo à disposição somente o poder de adquirir, que é tão pouco, perante o valor espiritual do artista.

O público não quer absolutamente compreender, que as grandes invenções e especialmente no campo sobre o qual disserto — a invenção da máquina fotográfica e do retrato colorido fizeram a revolução da arte e, ainda, a coisa importantíssima, isto é, a perfeição da cor a que chegou a arte do desenho e da forma no século passado. Que ainda se poderá criar depois da arte criada pelos grandes mestres?



Na — Aragão Humberto, Brasil DEPOIS DO TRABALHO — Nath, T. Kasi, Índia

Naturalmente que os artistas devem se empenhar na descoberta de novos caminhos que talvez hoje, ainda se encontrem. Que variedade, porém, de interpretação tem o público diante de seus olhos profanos! e que permaneçam sem enxergar. Mas o público é aluno e decidiu que a fotografia, o retrato colorido lhe corresponde e não quer descer do pedestal da completa ignorância e deficiência diante da arte moderna. O artista verdadeiro, não pede a compreensão de todos, basta-lhe a compreensão daqueles escolhidos, que são sempre pouquíssimos, que acompanham a evolução, juntamente com ele, conquistando sobre os ombros o peso de sua alta cultura, que é o alimento das novas gerações.

Agora entra em cena a fotografia artística, embora o artista não use o pincel, cria arte, arte que toma o lugar da pintura antiga e oferece ao público o bel-prazer de admirar um bonito objeto, sem acrobática no desenho, tudo verdadeiro como existe na realidade. Entre parênteses: observando o público que admira a fotografia, não me ocorreu de ver ninguém, que dissesse que a fotografia não é bonita, porque olhando-a de perto o desenho da forma, não é claro como o requer, por exemplo na pintura.

Também certas fotografias, o povo admira, embora a mesma fantasia do fotógrafo teria sido condenada se fosse criada por um pintor. Todos estão satisfeitos. O fotógrafo, porque é admirado pela multidão que fica boquiaberta diante das obras verdadeiramente de arte fotográfica, e também o pintor as-

sim como o escultor moderno estão satisfeitos, porque podem criar as suas obras, diferentes do plágio técnico dos comerciantes, isto é, daqueles pintores e escultores artesanais.

Os verdadeiros artistas estão satisfeitos por que podem criar as verdadeiras obras que serão reconhecidas e apreciadas, não pelo povo, mas por aquelas poucas pessoas de verdadeira cultura que seguem a estrada da evolução espiritual do globo, por aquelas pessoas, que são capazes de recriar n'alma o estado espiritual do artista no momento de criar a sua obra.

A exposição da fotografia artística nos ofereceu um verdadeiro bem-estar. Foram expostas ali as obras dos fotógrafos de quase todo mundo. A variedade do assunto e a composição perfeita permite-nos admirar tudo isto, que existe, o que está oculto aos olhos profanos, e que se revela ao olhar do fotógrafo — artista da objetiva...

A votação do povo para melhorar a fotografia coroou a empresa que, esperamos, terá continuação com aplausos de todos.

JAZZ EM CENA

(Cont. da pág. 11)

TOO YOUNG

Gravado em disco Capitol per
Nat «King» Cole

They try to tell us we're too young
Too young to really be in love,
They say that love's a word,
A word we only heard,
But can't begin to know the

(meaning of

And that we're not too young to know
This love, will last for years may go
And then, some day, they may recall
We were not too young at all

O CORTIÇO DA VIDA

(Cont. da pág. 17)

a Humanidade, pelo contrário, ele é apontado como demente e ela como uma vulgar prostituída! Séres postos à margem da vida, porque sempre lhes faltou alguém que os guiasse, que lhes dissesse onde os caminhos da verdade e da pureza! Não têm nenhum poder, não são criminosos de guerra, não incendiaram, não roubaram, não são espíes traidores, não mataram, mas ambos são tachados de criminosos e passam assim, a sentir a vida por um prisma maculado de temor e vergonha!

Serão eles responsáveis pela corrupção do resto do mundo? Dizem: — "Se a sociedade, que nos quer prender para nos segregar do convívio humano, quisesse nos salvar, seríamos tão bons como "todo mundo..." E' bem sentidamente num estado de primitiva maldade que vivem esses dois personagens. E um traço atávico que os impele para má vida, da mesma forma que bem poderiam ser heróis nacionais ou profetas. Isoladamente, despindo do rosto a máscara, podemos julgar desapassionadamente esses entes, mas em conjunto, nas barras de um júri, procuramos encarcerá-los, segregando-os do convívio humano, a fim de não contaminarem os outros com seus terríveis males. Une-os um elo de desgraça, de fatalidade e temor. Rapidamente nasce em seus corações um amor gerado em horas de agonias. Separados, eram fracos... Quem sabe, se unidos, agora, não terão mais forças para enfrentar as condenações do mundo? Imaginam

uma fuga. Cerca-os a grande cidade e as muralhas dos altos edifícios. Cada beco, cada esquina, cada avenida é uma advertência e um lembrete para a ousadia de seus planos. Em cada sombra e em cada vão espreguiça a morte. Nada os atemoriza, procuram, não o vale de asfalto, mas sim a planície onde bafeja a primavera em todo o seu esplendor e onde sopra um ar telúrico e primitivo. A covardia que a Sociedade lhes impôs não permite sentir o fracasso. Brota em suas almas o desejo de uma fuga para uma ilha deserta, onde não houvessem restrições e onde pudessem viver, viver simplesmente. Viver longe de tudo que corrompe a alma e o corpo, onde a vida fôsse um sonho contínuo entre a noite e o dia. Começaram por se alhearem daqueles que os cercavam no rotineiro, mudam cada dia de pouso e de bairro, afastam-se, refugiam-se em antros nefandos. Descobrem que no porto há um barco que partirá naquela noite e que esse barco os levaria para um caminho promissor. Um barco simbolizando uma nova esperança, uma nova vida. Nêle empreenderão a fantástica fuga pelas ruas da grande cidade, coberta de asfalto da cor das almas humanas...

Esta é a linguagem que usa Gosta Werner em "O CORTIÇO DA VIDA", uma película revolucionária, diferente e ousada! A mais real, profunda e contundente obra realista do cinema vanguardista sueco! Realizou sob a égide de um amor impossível e simbólico, um tremendo libelo. A Sociedade senta-se no banco dos réus. Ela é uma "criminosidade intelectual" e suas vítimas, dois séres unificados por esse amor nascido da fatalidade!

A Suécia, que já nos brindou com personalidades do alto quilate de uma Greta Garbo, mulher símbolo do Cinema, apresenta-nos, agora, Gertrud Fridh, que como uma nova "estrêla" conquistará o público com a força de seu talento e com a simplicidade de sua beleza. Bengt Eklund, dá-nos uma

(Cont. na pág. 23)